

Recriando o jornalismo audiovisual desenvolvido na universidade pública em tempos de pandemia: os novos caminhos a partir do telejornal Pontes* - UFOP

Adriano Medeiros da Rocha¹

RESUMO

Esta pesquisa busca relatar a experiência de produção laboratorial em jornalismo audiovisual desenvolvida por jovens universitários protagonistas do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, durante períodos letivos de aulas remotas, efetivados em plena pandemia do coronavírus. A busca por metodologias de ensino diferenciadas e aplicadas àquela realidade enfrentada, tentou também estabelecer conexões e diálogos com as mudanças de um ensino em rede. Aqui refletiremos sobre o novo formato deste telejornal universitário adotado, bem como as mudanças na rotina de produção da equipe audiovisual.ufop para construção de conteúdo através de um mecanismo ainda participante e experimental.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo audiovisual; telejornalismo universitário; produção laboratorial; TV pública; audiovisual.ufop.br

ABSTRACT

This research seeks to report the experience of laboratory production in audiovisual journalism developed by young university students who are protagonists of the Journalism course at the Federal University of Ouro Preto, during teaching periods of remote classes, carried out in the middle of the coronavirus pandemic. The search for differentiated teaching methodologies and applied to that reality faced, also tried to establish connections and dialogues with the changes of a network teaching. Here we will reflect on the new format of this university television news program adopted, as well as the changes in the production routine of the audiovisual.ufop team for the construction of content through a still participatory and experimental mechanism.

KEYWORDS:

audiovisual journalism; university television journalism; laboratory production; public TV; audiovisual.ufop.br

¹Professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto. Pós doutorando pelo PPG-CINE da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Artes/cinema pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais e Universitat Autònoma de Barcelona, e-mail: adrianomedeiros@ufop.edu.br

PENSANDO AS PRODUÇÕES DE JORNALISMO AUDIOVISUAL DESENVOLVIDAS NA UFOP

Em 2010, o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto abriu espaço a uma nova perspectiva da comunicação social: o audiovisual. Atualmente, o Laboratório de Criação e Produção Audiovisual já possui um rico acervo de produções desenvolvidas pelos alunos, professores, técnicos e colaboradores da área. São reportagens, telejornais, programas especiais para TV, documentários e até obras de ficção.

As produções desenvolvidas estão disponíveis para acesso gratuito através do site audiovisual.ufop.br. Neste laboratório, se busca experimentações que ultrapassem os caminhos engessados pelas as grandes redes,

estimulando percepções e formulações de obras socialmente engajadas e criativas. O foco deste trabalho se dará sobre algumas atividades realizadas nesta perspectiva conceitual de construção, especialmente ligadas à disciplina de Telejornalismo e ao produto principal da mesma: o novo telejornal Pontes*.

Caminhando por esta vertente, apontamos um desejo muito latente de se pensar e buscar fazer uma televisão compromissada socialmente e muito mais criativa do ponto de vista do uso desta linguagem específica. Neste caminho, o interesse público é tido como fator primordial.

O conceito de “interesse público” em matéria de televisão requer a oferta de serviços de televisão aos quais todos possam ter acesso, portanto sem limitações de qualquer ordem, abrangendo tanto a sua condição de cidadão quanto de pessoa humana. Segundo esta posição teórica, a noção de interesse público guarda certa oposição com a de televisão de mercado. Quando se trata do interesse público, os valores de ordem cultural têm uma posição central, estando os demais valores a eles subordinados. Já na televisão de mercado, os valores centrais são de ordem econômica, ficando os demais valores em posição secundária. (AGUIAR, 2012, p. 65).

No caso do nosso Laboratório de Criação e Produção Audiovisual procuramos pensar o interesse público em diálogo com o conceito de TV pública. Hoje, sabemos que a delimitação do que é televisão pública pode se apresentar de muitas formas e em diferentes contextos. Mesmo pensando que não há uma definição capaz de abranger a diversidade de modelos

desse tipo de TV, o documento “Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea” aponta algumas características comuns quanto ao funcionamento de uma emissora pública, sob o ponto de vista normativo:

1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança; 3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (accountability) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes. (BUCCI, CHIARETTI e FIORINI, 2012, p.9).

Dialogando com este ideal, Omar Rincón (2002) defende que as emissoras públicas devem ser espaço para a expressão e a representação do cidadão comum. Assim, entre as missões desse tipo de TV estaria a inovação,

O ideal é projetar uma televisão humanista, que promova uma melhor compreensão entre todos e permita aos excluídos terem um controle sobre suas imagens públicas; que propicie novas formas de controle e de rede social, ao permitir às pessoas a possibilidade de criar e de contar suas próprias histórias; uma tela que possibilite imaginar novas audiências e novas consciências, sobretudo a partir dos atores sociais que se sentem abandonados pela tela comercial. (RINCÓN, 2002, p. 337)

Dentro do Laboratório de Criação e Produção Audiovisual da UFOP, professores, alunos e técnicos, ao mesmo tempo em que reconstróem mecanismos importantes de algumas das práticas de mercado, também experimentam novas possibilidades e buscam referências nas teorias e conceitos que envolvem a ação telejornalística. Neste universo, Pedro Demo (2005), defende que as

O profissional, portanto, não é aquele que apenas executa sua profissão, mas sobretudo quem sabe pensar e refazer sua profissão. Está incluída a especialização operativa, mas sobretudo o que chamamos de formação básica. Esta depende mais que tudo da propedêutica, resumida no questionamento reconstrutivo. Ao lado disso, alimenta-se também da multidisciplinaridade, que não passa da aplicação mais coerente do aprender a aprender: a especialidade isolada desaprende, não só porque reduz a realidade ao que dela imagina saber, mas igualmente porque, ao não comunicar-se, perde a noção do conhecimento como desafio e obra comum. (DEMO, 2005, p. 68).

ou seja, a criação de propostas alternativas, a formação de novos talentos, a geração de novas formas de pensar as identidades dentro do audiovisual.

universidades e centros de ensino precisam oferecer aos alunos as melhores condições para a aprendizagem, não só para alcançarem um bom desempenho, mas pela experimentação prática que permita a realização também como indivíduo, capaz de aprender sempre, e de se reinventar:

A FAMIGERADA PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O ENSINO DE TELEJORNALISMO NAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO SUPERIOR

No dia 30 de janeiro de 2020, devido ao aumento no número de infectados pelo novo coronavírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional. No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado pelo Ministério da Saúde no dia 26

de fevereiro de 2020. A pandemia veio a ser declarada pela OMS no dia 11 de março de 2020. Daquele momento até os dias atuais a população teve que mudar sua rotina para tentar minimizar os terríveis impactos na vida de todos nós. Um desses impactos foi sentido exatamente no campo da educação. Escolas e universidades tiveram que fechar as portas a

fim de preservar a saúde de alunos, servidores e suas famílias. Buscando delimitar nossa abrangência de estudo, a partir deste ponto, buscaremos efetivar um estudo de caso, desenvolvido com a coleta de dados a partir de observação participante.

A Universidade Federal de Ouro Preto suspendeu suas atividades acadêmicas no dia 17 de março de 2020. Com o avanço da pandemia, toda comunidade universitária começou a buscar alternativas viáveis para o desenvolvimento seguro de atividades acadêmicas. Durante meses a forma presencial remota precisou ser repensada para os mecanismos remotos, seja de forma síncrona ou assíncrona. Adentramos mais na terminologia proposta por Manuel Castells (2020): a Sociedade em Rede ou Sociedade da Informação, que aponta para uma nova dinâmica instaurada na sociedade que busca flexibilizar os processos e sistemas diante de um novo ambiente tecnológico e de novas estruturas econômicas voltadas para a ação das redes.

Já com a necessária utilização da web, dos computadores e smartphones, reiniciamos a eterna aventura da educação, especialmente a desafiadora missão de encontrar novos caminhos para o ensino laboratorial de jornalismo audiovisual. Buscando constituir formas alternativas de ensino-aprendizado, optamos por catalisar metodologias ativas já, anteriormente buscadas no ambiente da sala de aula tradicional. Essas metodologias ativas constituem ações que buscam reconhecer os alunos como sujeitos agentes e protagonistas desse processo. Neste caminho, também *f o m e n t a m s u a m o b i l i z a ç ã o e* comprometimento com as atividades das disciplinas. Além disso, há um objetivo maior que o estudante seja transformado pelo objeto sobre o qual age.

Assim, foi necessário constituir estratégias de ensino-aprendizagem baseadas no desenvolvimento de projetos para a construção de conhecimentos, a partir da Aprendizagem Baseada em Projetos, APB. O entendimento da produção audiovisual voltada para telejornalismo, por meio das aulas expositivas dialogadas, de exemplos narrativos e das pesquisas realizadas, foi o primeiro passo para construir um projeto junto com os alunos. Naquele contexto pandêmico foi necessário criar adaptações para que todos os envolvidos não ficassem expostos ao vírus. É bem verdade que esse procedimento “afeta um dos cânones da profissão: estar no palco do acontecimento para narrar as ações dos protagonistas com o máximo de detalhes possível” (FERRARETTO, MORGADO, 2020, p.15).

Um formulário virtual foi encaminhado previamente e respondido pelos alunos antes do início das aulas. As respostas a tal instrumento possibilitaram a este docente identificar as condições nas quais cada indivíduo estava atravessando naquele período (contemplando saúde, moradia, acesso a tecnologias, entre outras), quais equipamentos eles teriam disponíveis para serem utilizados, que tipo de afinidade cada aluno tinha com os referidos equipamentos disponíveis e com a própria plataforma adotada para as aulas síncronas (Google Meet), além da própria expectativa em relação às mesmas e à disciplina como um todo. Essa iniciativa foi muito importante para buscar um planejamento que considerasse as inúmeras variáveis presentes no cotidiano de cada estudante - considerando que a produção audiovisual laboratorial aconteceria em um contexto remoto, em função da pandemia da Covid-19.

Neste novo contexto, a bibliografia da disciplina também foi totalmente adaptada. Anteriormente ela se baseava nos livros físicos

disponíveis na biblioteca do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas da UFOP. A partir da pandemia de Covid-19, optou-se por privilegiar referências cuja base estivesse disponível de forma digital, uma vez que os alunos se encontravam em diversos lugares deste país. Através de artigos científicos, livros digitais, teses e dissertações foi possível constituir um referencial ainda mais atualizado e abrangente a respeito dos desafios vividos naquele exato momento.

Atualmente é possível entender que a criação de produtos jornalísticos, especialmente através da linguagem audiovisual, é parte fundamental no processo de formação acadêmica dos alunos de graduação da área. Para tanto, no primeiro

semestre de 2021, o coletivo diretamente envolvido na disciplina de Telejornalismo do curso de Jornalismo da UFOP optou por constituir um novo e desafiador projeto editorial: o telejornal intitulado *Pontes**. Um de seus objetivos é trazer informações aprofundadas para a população, abordando questões atuais importantes, de interesse público, com aprofundamento e que perpassam histórias vivenciadas em diversos lugares, sejam eles físicos, subjetivos ou simbólicos.

O telejornal em questão foi idealizado durante a primeira vez em que a referida disciplina foi ministrada de forma remota. A produção buscou substituir o antigo e tradicional produto desenvolvido no curso: o telejornal *Livre Acesso*.

Figuras 01 e 02: Frames da abertura e da apresentação individual do telejornal *Livre Acesso*



Fonte: plataforma audiovisual.ufop.br

Como é possível observar nos frames acima, a antiga produção audiovisual privilegiava a apresentação em estúdio, feita por apenas um apresentador, em fundo digital, a partir de *chromakey*. Além disso, a vinheta de abertura e de passagens de blocos era baseada na cor verde e em imagens que remetiam à arquitetura colonial ainda muito presente nas cidades de Ouro Preto e Mariana.

De forma coletiva, discentes, monitoras, técnico e docente participaram desde a constituição do novo projeto editorial, com identificação de editorias de base e reformulação da identidade visual, passando também pela escolha dos temas na reunião de

pauta, pela captação de material seguindo todos os protocolos de saúde recomendados, chegando até a edição final das reportagens e do próprio telejornal, enquanto unidade narrativa.

Figura 03: Identidade visual desenvolvida pelos estudantes para o novo produto



Fonte: equipe de identidade visual Telejornal Pontes*

A nova identidade visual privilegiou a relação obtida a partir do preto e branco, em detrimento das outras cores. Essa opção - votada pelo coletivo - se deu para demarcar o momento pandêmico. Já a denominação *Pontes** surgiu como um conceito de uma obra que busca promover ligações, aproximações, acessibilidade, tanto à informação, ao conhecimento, como também às pessoas. Neste sentido, há a busca de descentralização de espaços e a busca por novos diálogos e constituições com aquele tido como *o outro*. A proposta do símbolo de asterisco após o nome do telejornal eclodiu com a ideia de demarcar aquela produção que está sempre em metamorfose, que apresenta novas possibilidades, formatos e inovações a cada edição. Assim, o asterisco representa um tipo de desdobramento possível, um significante da obra.

No novo telejornal *Pontes** optou-se pela apresentação desenvolvida por dois estudantes em cidades distintas. Todos alunos da disciplina podiam se candidatar ao cargo a partir do envio de uma gravação de vídeo com parâmetros disponibilizados por este docente. Os apresentadores foram eleitos pelo próprio coletivo, buscando dar oportunidade para aqueles que os representasse de maneira mais natural e autêntica. Normalmente, essas apresentações eram filmadas em suas respectivas residências com algumas adaptações necessárias e o acompanhamento direto do professor e do técnico da disciplina. Com muitas irregularidades nas conexões de internet, dirigir estas filmagens nem sempre se mostrava uma tarefa fácil.

Figuras 04 e 05: frames dos apresentadores do telejornal *Pontes** - edição 001 em plena atividade.



Fonte: plataforma audiovisual.ufop.br

Apesar de algumas dificuldades, a apresentação filmada de forma remota também ofereceu a oportunidade de se colocar em prática novas metodologias inclusivas. Um bom exemplo disso foi a edição do telejornal *Pontes** na qual a equipe teve a oportunidade de quebrar barreiras físicas e desenvolver um ambiente remoto de superação no qual Cíntia Rita Soares de Freitas ajudou o coletivo a fazer novas experimentações, na medida em que

tomou para si o protagonismo do processo de apresentação e também catalisou a representatividade das PCDs nessa mídia. A experiência com Cíntia se mostrou tão positiva que já se desdobrou no desenvolvimento de uma palestra externa à universidade, como também em um projeto de pesquisa de Iniciação Científica.

Figura 06: frame do protagonismo da apresentadora Cíntia Rita Soares



Fonte: plataforma audiovisual.ufop.br

Durante todo o processo, a equipe discutiu sobre apuração, captação, pós-produção e questões éticas, além de realizar momentos de avaliação referentes a cada etapa. Para além disso, devido ao contexto pandêmico, a experiência teve algumas especificidades e limitações, dentre elas o isolamento social. Para lidar com isso foram necessárias adaptações, como, por exemplo, o uso de plataformas, como o Google Meet, para a apuração, realização de entrevistas e das próprias reuniões de pauta.

Esta última atividade aconteceu de forma remota, o que garantiu que cada aluno produtor pudesse expressar suas ideias, seu ponto de vista e contar com a colaboração e diálogo dos demais participantes sobre a sua proposta. Além disso, a reunião de pauta foi espaço para mais uma importante ação de na busca de aproximar universidade pública da

comunidade externa. Buscando um mecanismo inovador neste aspecto, foi criado um conselho editorial comunitário para participar ativamente das reflexões sobre o produto. Assim, representantes externos à UFOP, com atividades representativas nas áreas de educação, artes, meio ambiente, social, entre outras, foram convidados para participarem dos ciclos produtores semestrais. Cada turma da disciplina ganhou um conselho editorial que possuía uma média de três ou quatro convidados. Eles participaram diretamente tanto das reuniões de pautas, como de uma avaliação qualitativa do produto final. Nas reuniões de pauta tinham a liberdade de apresentar ideias, como também de colaborar em propostas dos estudantes e de votar naquelas que deveriam ser realizadas durante o semestre.



Figuras 07 e 08: matéria no site oficial da UFOP sobre a criação do novo conselho editorial comunitário e print do coletivo em uma das reuniões de pauta.



Fonte: <https://ufop.br/noticias/comunidade/producao-audiovisual-do-dejar-ganha-conselho-editorial-comunitario>

Junto dos representantes da comunidade externa à academia, a equipe teve a preocupação de realizar uma apuração ainda mais aprofundada para compreensão dos temas, tendo em vista as possíveis perdas que o isolamento poderia causar. É importante ressaltar que durante a execução da pauta mudanças podem ocorrer, principalmente por novas descobertas no processo de apuração, gerando reportagens diferentes do que se estruturou nas reuniões iniciais.

Outro ponto importante na produção foi a escolha das fontes, uma vez que existe nas reportagens, para além da polifonia (NETO, 2008), personagens que agregam uma posição interseccional, isso porque as produções jornalísticas de uma forma sistematizada e hierarquizada constituem-se em um referente importante na construção desse mundo do cotidiano que é perpassado por sobreposição de identidades sociais.

Após reflexões teóricas sobre a linguagem audiovisual e sobre as formas narrativas em telejornalismo, a turma entrou no processo efetivo de constituição das narrativas, que contou com etapas semelhantes à vivência das redações. A produção seguiu a linearidade: reuniões de pauta, gravações, pesquisa e decupagem de materiais, construção de roteiros, revisão dos roteiros e fechamento do telejornal com a equipe de edição. O formato de base escolhido para as produções foi a videoreportagem, que faz com que “um único profissional assumira diversas funções como

pauteiro, repórter, repórter cinematográfico e editor” (THOMAZ, 2007, p.3).

Conforme Patrícia Thomaz (2007), as videoreportagens, normalmente, são dotadas de um caráter autoral, com ingredientes subjetivos e a busca por experimentação estética. Nesta concepção, apresentaria um gênero híbrido, com intercursos hierárquicos distintos, de acordo com os caminhos percorridos pelo seu idealizador. Thomaz lembra que, quando o videorepórter atua na produção de materiais telejornalísticos, não pode se limitar somente a uma habilidade ou a um fragmento da produção da notícia ou reportagem em televisão - precisa exercer diferentes funções. E, é claro, cada atividade tem características e exigências específicas.

Thomaz entende que os profissionais de televisão estão descobrindo as potencialidades desta nova forma de produção, ao buscar novos ângulos, inovações na narrativa e o resgate do trabalho individual e autoral, ou seja, não mais industrializado. Dessa forma, eles tem a chance de experimentar uma nova roupagem no telejornalismo onde percepção, sensibilidade e investigação tem muita chance de resultar em um produto original.

A autora acredita que a videoreportagem deve ser encarada como uma alternativa a novas propostas, com pautas diferenciadas e possibilidades de experimentação na linguagem e não como substituição ou mero acúmulo de funções.

Para isto, o profissional precisa ter o perfil exigido, ou seja, a dificuldade em desempenhar este papel exige profissionais preparados para tal ofício. Empenho, garra, sensibilidade, percepção, criatividade, conhecimento das diferentes funções e de novas habilidades técnicas (não exigidas para o repórter tradicional) são fundamentais para um resultado positivo, com qualidade, que poderá ser um produto diferente do tradicional, com uma roupagem nova. (THOMAZ, 2007, pág. 84).

É importante recordar que o processo de criação em jornalismo audiovisual é único e poderá percorrer caminhos singulares. Outro fator positivo na videorreportagem, conforme Thomaz é o contato direto de quem faz a pauta com os fatos ou com os protagonistas das

notícias, o que dificilmente acontece com os pauteiros tradicionais que permanecem nas redações. Assim, quem colhe a notícia e quem produz a reportagem participa das discussões sobre o que o telejornal irá veicular, sob qual enfoque e a duração.

o videorrepórter, pelo fato de atuar sozinho, tem a vantagem de intimidar menos os entrevistados e poder aproximar as fontes potenciais de informação. O profissional tem mais um motivo para buscar a qualidade da apuração e a profundidade do mergulho no assunto. Deve ter sensibilidade, criatividade, percepção aguçada e experiência, além de compreender os efeitos de sensações que pretende causar no telespectador. (THOMAZ, 2007, pág. 67)

Patrícia Thomaz acredita que na criação individual, as escolhas e correções partem de atitudes centradas na personalidade do autor/videorrepórter. Dessa maneira, a obra é estruturada a partir da essência do profissional, marcada pelo seu modo de apreender e

interpretar os fenômenos da vida, de ver, sentir e reproduzir as realidades. Agir criativamente e permitir sua percepção aprofundada dos fatos seriam atitudes fundamentais no processo de criação.

O videorrepórter, sendo responsável pela composição dos códigos verbal, sonoro e imagético, terá que dominar os elementos expressivos que compõem a imagem. No momento em que está captando imagens e sons ambientes, ele já coloca seu ponto de vista, pois seleciona o que será gravado e como mostrar o fato ao telespectador, o que inclui a escolha de movimentos e enquadramentos de câmera e a duração das cenas. Cada profissional terá um modo particular por meio do qual vê o mundo. (THOMAZ, 2007, p. 5)

No caso da experiência desenvolvida pela turma de Telejornalismo aqui relatada, os alunos puderam experimentar diversas funções, como de apresentadores, videorrepórteres, editores de texto, editores de vídeo e chefes de reportagem. Inerente às funções mencionadas, houve o desafio de estimular a criatividade durante a produção, tendo em vista que a maior parte do processo foi realizada dentro de casa.

Na maior parte das videorreportagens, houve a presença do videorrepórter no vídeo. Em função do isolamento social, a base das passagens foi filmada no local de moradia dos estudantes naquele período. Em raríssimas vezes eles saíram de casa para desenvolver esta

atividade. Um exemplo dessa exceção aconteceu na videorreportagem sobre energia eólica, registrada no interior da Bahia, onde o videorrepórter teve a oportunidade de captar boa parte das imagens externamente e, ainda assim, manter o isolamento social – devido à especificidade do seu tema. Nos diversos casos houve a utilização de equipamentos ou anteparos improvisados para buscar estabilidade ou ainda de auxílio de membro externo à equipe, como pais, mães, irmãos e primos, que conviviam diretamente com os respectivos agentes.

Além das videorreportagens, que foram a base deste ciclo produtivo, também foi desenvolvido com os estudantes um exercício de telejornalismo ao vivo, através de flashes individuais. Para a atividade foi utilizado o aplicativo Stream Yard, para promovermos a direção de corte de quem estaria na tela e a respectiva transmissão, em tempo real, aconteceu pelo Canal do Youtube AudiovisualUFOP. Com agendamento prévio, cada aluno era chamado pela dupla de apresentadores, através de um texto de cabeça e, na sequência, trazia informações atualizadas sobre um tema livre, previamente pesquisado e articulado com a equipe de produção.

Em um processo de convergência (JENKINS, 2009), o telejornal Pontes* foi gestado a partir de diversas ferramentas. O smartphone foi utilizado como instrumento de gravação das imagens e dos sons das reportagens, por ser um objeto de posse unânime entre os alunos. O aplicativo Whatsapp serviu como ferramenta de comunicação direta entre a chefe de reportagem, os repórteres, técnico e docente. Além disso, o aplicativo Google Meet foi utilizado como o primeiro contato com as fontes, bem como mecanismo fundamental para a gravação das entrevistas/sonoras, evitando assim a interação presencial, impossibilitada naquele momento.

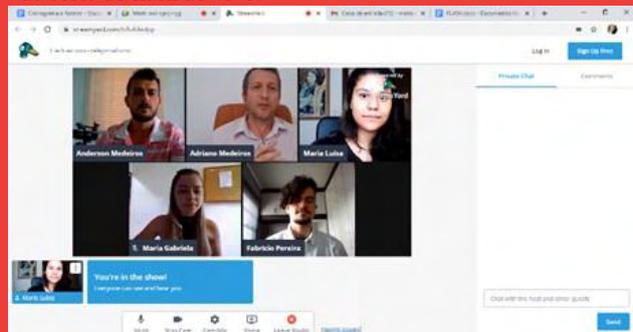
Graças ao recurso de gravação de tela, a ferramenta foi escolhida também como suporte de realização das entrevistas, sem comprometer o valor da imagem. Nesse sentido, “todas estas inovações e mudanças tecnológicas ocorridas mostram que o telejornalista precisa ser flexível, enfrentar novos desafios sempre, e estar preparado para mudanças” (KNEIPP, 2014, p.296). A disciplina contou com a presença de monitores

Figura 09: Frame de videorrepórter em captação externa, porém, mantendo o necessário isolamento social.



Fonte: plataforma audiovisual.ufop.br

Figura 10: Aspecto visual da sala de gerenciamento / direção de corte do flash ao vivo.



Fonte: equipe do Telejornal Pontes*

que, remotamente, auxiliaram na gravação dos offs, na apresentação do telejornal e nas sugestões ligadas ao roteiro. Com a ajuda deles foi mais viável enfrentar os novos desafios.

Em uma adequação necessária, tendo em vista a pandemia, ou seja, considerando a impossibilidade de gravação in loco naquele período, as imagens de cobertura utilizadas nas narrativas constituídas foram obtidas a partir de quatro meios principais: solicitadas diretamente para as fontes (*captação indireta orientada - feita pela própria fonte ou familiar*); pesquisadas e obtidas a partir de banco de imagens gratuitos e públicos; criadas através de videografismo; criadas a partir de captação ilustrativa em ambiente de residência

do próprio videorrepórter.

Antes de subirem os créditos finais é preciso ressaltar que, no âmbito da televisão universitária, a pandemia estimulou capacidade de adaptação. Neste sentido, foi preciso driblar algumas desconfiças iniciais e ressignificar o uso de tecnologias próximas, como é o caso dos aparelhos smartphones ou mesmo do Google Meet. Durante o período de isolamento social, o desenvolvimento de um projeto coletivo se mostrou fundamental para motivar os jovens pesquisadores da área. Através do planejamento e dos diversos processos criação do telejornal Pontes*, os estudantes envolvidos puderam trabalhar com o mecanismo da

autorresponsabilidade, ou seja, um processo de autoria que também era interdepende do entendimento claro da proposta e do próprio trabalho necessário para se alcançar aquele objetivo determinado pelo coletivo. Neste sentido, o grupo buscou contornar as dificuldades advindas do modo remoto de produção, buscando, ainda assim, conseguir inovar e *elasticizar* suas formas de narrar a partir do audiovisual. Além da importante reflexão sobre a própria linguagem, como resultado objetivo, também foram constituídas nove edições do telejornal Pontes*, cujo conteúdo está disponível de forma livre, aberta e gratuita através do canal audiovisual.ufop.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Itamar. **TV Brasil: algo novo no ar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil? **NOVOS ESTUDOS**: revista da CEBRAP, São Paulo, n.88, p.5-18, nov. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002010000300001&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. 21ª ed. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2009. Editora Aleph.

KNEIPP, Valquíria. **Formação do telejornalista brasileiro: trajetória, desafios e perspectivas dos profissionais na era transmidiática**. Telejornalismo em questão. 2014. Editora Insular. Volume 3. Florianópolis.

MIRANDA, Mozarth Dias de Almeida. **A pauta jornalística se adapta aos novos tempos da televisão brasileira**. 2016.

NETO, João Elias da Cruz. **Reportagem de Televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

NOVAK, J. D.; GOWIN, D.B. **Aprender a Aprender**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RINCÓN, Omar (Org.). **Televisão pública: do consumidor ao cidadão**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung, 2002.

THOMAZ, Patricia. **A composição da obra autoral e a experimentação da linguagem telejornalística na videorreportagem**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

VARGAS, Heidy; OLEGÁRIO, Leandro. **Telejornalismo laboratorial: a práxis diante do desafio da pandemia e o isolamento social no ESPM no ar**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual – 1 a 10 de dezembro de 2020.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU Alfredo, BARROS Marcelo, CABRAL Águeda. **Telejornalismo: da edição Linear à digital**, algumas perspectivas, 2009.